

## **Materialismo e pós-modernismo: novo debate e velhas questões**

Antonio Cícero Cassiano Sousa  
Professor da rede FAETEC e doutor em História pela Universidade Federal  
Fluminense

O tema deste artigo é o confronto entre dois debates importantes na história do marxismo. Em 1908, foi lançado *Materialismo e empiriocriticismo*, de V. I. Lênin, em meio a um acirrado debate que apontava para a necessidade do marxismo se adequar às novas descobertas no campo da física como os raios x, a radiatividade e outras.

Em 1989, após o fim do sistema socialista que tinha a União Soviética à frente, ganharam força teorias e teses sobre a defasagem do materialismo histórico nas novas condições criadas pela chamada revolução científico-técnica.

Qual a validade e extensão de tais afirmações é a questão central a ser apresentada, e conseqüentemente que novos desafios teórico-metodológicos interrogam os historiadores, particularmente quanto ao conceito de verdade.

*Materialismo e empiriocriticismo*, de V. I. Lênin, foi escrito em 1908. As circunstâncias de sua elaboração estão ligadas à derrota da Revolução de 1905: refluxo do movimento social e crise no movimento revolucionário. É um período marcado por uma série de questionamentos sobre a atualidade do marxismo e a necessidade de renovação.

O alvo central do autor são os chamados bolcheviques de “esquerda”, em especial A. Bogdanov e A. V. Lunatcharski. Bogdanov tem uma trajetória de aproximações e afastamentos do núcleo bolchevique, depois da revolução de 1917 se destaca como um dos organizadores do “Prolekcult”, movimento cultural e educacional que propõe uma ruptura absoluta com o passado cultural anterior ao advento do socialismo. Lunatcharski também se afasta dos bolcheviques no período da reação. No início da guerra junta-se aos internacionalistas, onde atuava Trotsky. Depois da revolução, assume importantes posições no governo soviético, entre as quais, Comissário do Povo para a Instrução Pública.

No plano político, esta tendência defendia o boicote ao parlamento, no campo teórico, se dispunha a conciliar o marxismo com as idéias de Ernst Mach e Richard Avenarius, conhecidas como empiriocriticismo.

O empiriocriticismo pretendia resolver o antigo problema que opõe idealistas e materialistas em correntes filosóficas opostas. Do empirismo, extrai o princípio de que todos os nossos conhecimentos advém da experiência. O criticismo adotado supõe que este conhecimento se limita ao que a experiência sensível pode captar; tratar-se-ia de metafísica pensar que no mundo exterior poderia estar a origem das sensações.<sup>1</sup>

Os seguidores russos de Mach e Avenarius, com base na afirmação de F. Engels, de que “ante todo o grande descobrimento nas ciências naturais o materialismo deve mudar de forma” e as novas descobertas no campo da física do final do século XIX, pensavam ser a hora dessa ruptura e viam no empiriocriticismo a contribuição necessária para a renovação do marxismo. Rejeitando a tese da prioridade e da determinação da matéria sobre o pensamento, substituíam-na pela idéia da identidade do espírito e da matéria.<sup>2</sup>

As novas descobertas no campo da física – os raios Röntgen (1895), a radiatividade (1896), o elétron (1897) e o rádio (1898), teriam tornado ultrapassado o conceito de matéria, segundo o empiriocriticismo. (desenvolver com a observação de Lênin sobre energia elétrica como matéria em movimento). Para Lênin materialismo e idealismo estão na base das duas correntes em que se dividia a física no seu tempo, vistas ora como física conceitual e física mecanicista ou realismo físico e simbolismo físico. O autor insistia na importância que o conhecimento do materialismo dialético teria para a solução de importantes problemas nas ciências naturais.

Os três primeiros capítulos da obra tratam do confronto entre as teorias do conhecimento no empiriocriticismo e no materialismo dialético. A segunda parte dá conta das últimas descobertas na física e sua influência junto aos machistas russos e

---

<sup>1</sup> V. I. Lênin, *Materialismo e empiriocriticismo*, Rio de Janeiro, Leitura, 1965 (?), p. 140.

das modificações que estes apresentavam como necessárias no materialismo histórico com a adoção dessas novas contribuições.

O ponto de virada proposto pelos machistas russos implicava rever significativamente a teoria marxista do conhecimento. Os eixos desta teoria estavam assim estabelecidos:

1. As coisas têm existência independente da consciência;
2. Não existe diferença de princípio entre o fenômeno e a coisa em si (daí ser possível falar em reflexo filosófico);
3. O conhecimento nasce da ignorância; o conhecimento vago e incompleto se torna conhecimento mais adequado e mais preciso. <sup>3</sup> (p. 128).

Isto implica em dizer que “as categorias e esquemas lógicos (dialéticos) existem fora e independentemente do pensamento, como leis universais do desenvolvimento do universo, as quais se refletem na consciência coletiva do grupo humano”; e que o homem pensa em unidade com a sociedade historicamente determinada. <sup>4</sup>

Estes princípios permitem falar da existência de uma verdade objetiva e das possibilidades ilimitadas do pensamento humano, refutando os limites impostos pelo agnosticismo:

“Desse modo, o pensamento humano é, por sua natureza capaz de dar-nos e nos dá efetivamente a verdade absoluta, que não é senão uma soma de verdades relativas. Cada etapa do desenvolvimento das ciências acrescenta novas parcelas a esta soma de verdade absoluta, mas os limites da verdade de toda tese científica são relativos, ora amplos, ora restritos, na proporção do progresso das ciências”.<sup>5</sup>

A verdade como correspondência com a realidade, acompanhada da idéia da prática como critério para sua validação é o ponto de partida da teorização marxista.

---

<sup>2</sup> Dominique LECOURT, Para uma leitura de ‘Materialismo e empiriocriticismo’, *Oitenta*, Porto Alegre, (7), pp. 46-48.

<sup>3</sup> V. I. Lênin, *op. cit.* p. 128.

<sup>4</sup> Ciro Flamarion CARDOSO, *Ensaio racionalistas*, Rio de Janeiro, Campus, 1988, p. 4.

<sup>5</sup> V. I. Lênin, *op. cit.*, p. 163.

O relativismo que a dialética marxista admite diz respeito aos limites históricos aos quais o conhecimento está submetido, não no sentido de negação da verdade objetiva, como os empiriocriticistas defendiam:

“A negação da verdade objetiva vem do agnosticismo e do subjetivismo. O absurdo dessa negação por parte de Bogdavov, de que o exemplo citado não é o único, relaciona-se nitidamente com as ciências naturais. A história natural não admite dúvida de que sua afirmação da existência da terra antes da humanidade seja uma verdade. Do ponto de vista da teoria materialista do conhecimento, é absolutamente admissível: a existência do que é refletido independentemente de quem reflete (a existência do mundo exterior independentemente da consciência) constitui o postulado fundamental do materialismo”.<sup>6</sup>

Nos dias atuais, as diversas variantes do que se chama pós-modernismo defendem um relativismo que impede qualquer possibilidade transformadora do mundo social.

O conceito de matéria assume importância na constituição do materialismo como base filosófica ou da teoria do conhecimento:

“A matéria é uma categoria filosófica que serve para designar a realidade objetiva proporcionada ao homem em suas sensações, que a copiam, fotografam-na, refletem-na, sem que sua existência lhes fique subordinada. Dizer que essa noção pode envelhecer é balbuciar puerilmente, é admitir os argumentos da filosofia reacionária da moda. O duelo do idealismo e do materialismo pôde envelhecer, em dois mil anos, o desenvolvimento da filosofia? (...) Envelhecido o combate dos adeptos do conhecimento supra-sensível e seus adversários?”<sup>7</sup>

O desdobramento do debate sobre a verdade objetiva requer lembrar a segunda tese contra Feuerbach: o critério da prática como determinante na teoria do conhecimento:

“Colocar fora da prática a questão da ‘correspondência da verdade objetiva em relação ao pensamento humano’ é entregar-se à escolástica, diz Marx em sua segunda tese sobre Feuerbach.

...

“É certo que não se deve esquecer que o critério da prática nunca pode, no fundo, confirmar ou refutar completamente uma idéia humana, qualquer que seja. Esse critério é, igualmente, bastante ‘vago’ para não permitir que os conhecimentos humanos se tornem ‘absolutos’; é, entretanto, suficientemente determinado para permitir uma luta implacável contra todas as variedades do idealismo e do agnosticismo”.

---

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 150.

<sup>7</sup> *Ibid.*, pp. 156-157.

...

“A única conclusão que se pode tirar da opinião, partilhada pelos marxistas, de que a teoria de Marx é uma verdade objetiva é a seguinte: *baseando-nos na teoria de Marx*, cada vez mais nos aproximamos da verdade objetiva (sem, entretanto, nunca a esgotar); qualquer outro caminho que sigamos, nos conduzirá, ao contrário, tão somente ao erro e à confusão”<sup>8</sup> (grifos de Lênin).

A segunda parte de *Materialismo e empiriocriticismo* se detém no papel que os machistas russos desempenhariam como filósofos idealistas, uma análise do significados das últimas descobertas no campo da física e, por último, da relação entre empiriocriticismo e materialismo histórico.

Quanto à primeira questão, o próprio Mach reconhece que o idealismo crítico de Kant foi seu ponto de partida. Lênin identifica, na trajetória de Mach e Avenarius, um sensível deslizamento do materialismo, em direção ao idealismo de Hume e Berkeley:

“O caráter essencial da filosofia de Kant é que concilia o materialismo e o idealismo, institue um compromisso entre um e outro, coordena num sistema único duas correntes diferentes e antagônicas da filosofia. Admitindo que uma coisa em si, exterior a nós, corresponde às nossas representações, Kant se exprime como materialista. Afirmando-a inconcebível, transcendente, situada no mais além, Kant exprime-se como idealista”. (...)

“Os discípulos de Mach reprovam Kant por ser demasiado materialista; nós o reprovamos por não o ser suficientemente. Os discípulos de Mach criticaram Kant da direita, e nós, da esquerda”<sup>9</sup>

Outro aspecto do agnosticismo combatido por Lênin é a chamada teoria dos símbolos, assim apresentada por Helmholtz:

“Não designei, linhas atrás, as sensações senão como *símbolos* das circunstâncias exteriores, e recusei-lhes toda analogia com as coisas que representam” (*Ótica fisiológica*, p. 579)<sup>10</sup>.

Lênin, embora identifique pressupostos de base materialista na teoria dos símbolos, a ela se opõe na sua falta de conexão com a materialidade:

“Se as sensações, não sendo imagens das coisas, não passam de sinais e de símbolos sem ‘nenhuma semelhança’ com elas, a premissa materialista de Helmholtz fica prejudicada, a existência dos objetos exteriores torna-se duvidosa,

---

<sup>8</sup> *Ibid.*, pp. 171-172..

<sup>9</sup> *Ibid.*, pp. 230-232.

<sup>10</sup> Apud V. I. Lênin, *op. cit.*, p. 268

uma vez que os sinais ou os símbolos podem referir-se também a objetos fictícios, e todos conhecem sinais e símbolos dessa ordem”.<sup>11</sup>

Um desdobramento moderno da teoria dos símbolos pode ser visto numa semiótica que veja o signo como simples construção mental (Saussure) ou nas reflexões de Ernst Cassirer sobre o *homem simbólico*:

“O homem não pode enfrentar-se mais com a realidade de um modo imediato; não pode vê-la, como desejaríamos, frente à frente. A realidade física parece retroceder na mesma proporção que avança sua atividade simbólica. No lugar de tratar com as coisas mesmas, de certa forma, conversa constantemente consigo mesmo. Se vê cercado de formas lingüísticas, de imagens artísticas, de símbolos místicos ou de ritos religiosos, de tal forma que não pode ver ou conhecer nada senão através da interposição deste meio artificial”.<sup>12</sup>.

Mais adiante, Lênin retoma a crítica:

“Eis por que Albrecht Rau, discípulo de Feuerbach, condena a teoria dos símbolos de Helmholtz como um desvio inconsequente do ‘realismo’. A concepção essencial de Helmholtz, diz Rau, está encerrada no postulado realista de que ‘conhecemos com auxílio dos nossos sentidos, as propriedades objetivas das coisas’. A teoria dos símbolos está em desacordo com esse ponto de vista (inteiramente materialista, como já vimos), por que implica uma certa desconfiança em relação à sensibilidade, em relação às indicações dos nossos órgãos dos sentidos. Está fora de dúvida a imagem nunca ser igual ao modelo, mas uma coisa é a imagem e outra coisa é o símbolo, o *sinal convencional*. A imagem supõe, necessária e inevitavelmente, a realidade objetiva que ela ‘reflete’. O ‘sinal convencional’, o símbolo, o hieroglifo são noções que introduzem um elemento inteiramente superfluo do agnosticismo. A. Rau tem também suficiente razão ao dizer que Helmholtz paga com sua teoria, seu tributo ao kantismo”<sup>13</sup>(grifos de Lenin).

“O materialismo, em geral, reconhece a realidade objetiva (a matéria) como existindo independentemente da consciência, da sensação e da experiência da humanidade. O materialismo histórico reconhece que a existência social é independente da consciência social da humanidade. Tanto nesse, como naquele caso, a consciência não é senão um reflexo da existência, ou, no melhor dos casos, uma imagem aproximadamente exata (adequada, idealmente precisa). Não se pode suprimir nenhuma premissa fundamental, nenhuma parte essencial dessa filosofia do marxismo, da melhor tempera, monolítica, sem afastá-la da realidade objetiva, sem desviá-la para a mistificação burguesa reacionária”<sup>14</sup>

Ao mesmo tempo que faz uma defesa constante da primazia da matéria, sendo o pensamento, a consciência, a sensibilidade produtos de uma longa evolução, critica o determinismo em que se envolvia o empiriocriticismo :

“Petzoldt rebatizou a lei da causalidade como lei da *determinação* no sentido único e estabeleceu, em sua teoria, como o veremos mais adiante, a *aprioridade* dessa lei. (...) Esse autor não eliminou a contradição que constatou em Avenarius e caiu numa grande confusão, porque o mundo exterior, refletido em

<sup>11</sup> *Ibid.* p. 270.

<sup>12</sup> Ernst CASSIRER, *Antropologia filosófica*, México, Fondo de Cultura Econômica, 1987, pp. 47-48.

<sup>13</sup> V. I. Lênin, *op. cit.* p. 271.

<sup>14</sup> V. I. Lênin, *op. cit.*, p. 380.

nossa consciência, existe independentemente dela. Somente essa solução materialista coincide efetivamente com os elementos das ciências naturais e afasta a solução idealista da questão da causalidade proposta por Petzoldt e Mach ...<sup>15</sup> (grifos de Lênin).

O texto de Lênin representa uma importante tentativa de retomar o debate sobre as bases filosóficas do marxismo. Circunstanciado pela luta política na Rússia de início do século XX, dialoga com importantes problemas que a pesquisa científica enfrentava – alguns igualmente fundamentais, já formulados, são desconhecidos pelo autor, como a teoria da relatividade e a teoria quântica.

Os estudos posteriores de Lênin sobre a questão se encontram nos *Cadernos filosóficos*, publicados em 1929/1930. Dominique Lecourt afirma não haver grandes rupturas entre os dois textos. A teoria do reflexo é retomada, no segundo texto, na expressão “processo sem sujeito”. O combate aos idealistas parece não mais obscurecer o papel da construção humana no processo do conhecimento.

É inegável que o fracasso no terreno da luta de classes leva ao questionamento do marxismo. Nesse contexto, espera-se embate marcado por fortes vieses ideológicos, algo bastante distinto do princípio de que mudanças significativas nas ciências naturais devem motivar a revisão das “formas” do materialismo. Por outro lado, deve o marxismo manter sua ambição à unificação teórica dos campos de estudo da natureza e da sociedade, ratificando seu projeto totalizante.

---

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 103